

Quase toda a população brasileira pode ter herpes-zóster

Marta Moura

Responsável Técnica de Vacinas do Laboratório Lustosa

O herpes-zóster, conhecido popularmente no Brasil como “cobreiro”, é uma das doenças com maior incidência no país entre as pessoas com mais de 60 anos. Existem poucos estudos sobre esse mal no Brasil, mas segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doença dos Estados Unidos (CDC, na sigla em inglês) cinco em cada dez pessoas chegam aos 85 anos com pelo menos um registro de herpes-zóster na vida. Os norte-americanos registram 1 milhão de casos por ano.

A alta incidência é explicada pelo seu causador. O herpes-zóster é decorrente da reativação do vírus da catapora (ou varicela), que permanece durante anos latente nos gânglios do sistema nervoso de quem já teve a doença. Segundo um dos poucos estudos epidemiológicos sobre a doença realizado no Brasil, 95% dos adultos já foram expostos ao vírus da varicela-zóster, e por volta de 30% desses terão “cobreiro”. E a vacinação é a melhor forma de se evitar o mal, que pode ter manifestações graves.

Após a reativação, o vírus da varicela se desloca pelos nervos periféricos até alcançar uma região da pele, causando as erupções características, na forma de vesículas ou bolhas. Essas lesões acompanham o trajeto do nervo que atingem, numa faixa que pega sempre um lado só do corpo, geralmente nas costas. As vesículas, na maioria dos casos, são brandas, discretas e não progressivas ou, nos casos mais graves, podem atingir uma parte significativa do corpo ou órgãos importantes, como o olho.

Quando gera dano permanente no nervo atingido, o vírus produz uma dor crônica, que é o que mais incomoda quem sofre com a doença. Essa dor é difícil de controlar e pode durar por meses depois que as lesões de pele desaparecem.

A explicação mais corrente entre os especialistas para a reativação do vírus que gera o herpes-zóster é a queda da imunidade do paciente, o que acontece principalmente após os 60 anos, em decorrência do processo natural de envelhecimento do sistema imunológico. Ela também é comum em pessoas com doenças crônicas, neoplasias, Aids ou submetidas a tratamentos imunossupressores (como quimioterapia, por exemplo).

Os primeiros sintomas do herpes-zóster são formigamento e dor no local onde vão aparecer as lesões e, em alguns casos, febre baixa no primeiro dia. Depois, começa a aparecer vermelhidão no local afetado e só então eclodem as bolhas com água, ou seja, as vesículas contendo o vírus. O herpes-zóster pode acontecer mais de uma vez ao longo da vida.

O diagnóstico é realizado principalmente por meio do quadro clínico-epidemiológico. O vírus pode ser isolado das lesões vesiculares durante os primeiros três a quatro dias de erupção.

Hoje, o meio mais eficaz para evitar a doença é a vacinação. A dose contra o herpes-zóster, conhecida como Zostavax, tem eficácia de cerca de 60% contra o surgimento da doença, e o mais importante: previne mais de 70% da ocorrência da dor crônica.

A vacina está licenciada para pessoas com 50 anos ou mais e é recomendada como rotina para maiores 60 anos de idade, em dose única. A imunização não está no calendário público brasileiro e pode ser encontrada na rede de saúde privada.

O mais importante para quem faz parte do grupo de maior incidência é se vacinar. Mesmo quem já teve episódios de herpes-zóster pode ser imunizado, desde que seja respeitado o intervalo de um ano após a última manifestação da forma aguda da doença. Apesar da forma grave da doença se manifestar na minoria dos casos, uma simples dose da vacina pode ser eficaz para a prevenção.